

Passeio entre minas e flores

Rogério Pereira

*(Jornal do Estado, Paraná, 31/12/2001
Rascunho, Ano 3. n. 25, maio de 2002)*

A poesia é um campo minado, por onde o poeta caminha com olhos estalados nos próprios pés e no horizonte. Muitos olham para os pés alheios e tentam seguir seus passos. A morte é inevitável na mina que se esquecerá de explodir. Outros, mais afoitos, tentam abrir caminho, como líderes entorpecidos, e seus corpos mutilados também deixam um rastro de sangue. Muitos, apenas manquitolam após o passo em falso no terreno perigoso. Lá no horizonte, poucos espraiam-se num sorriso de alívio. São poucos diante do total de aspirantes, mas muitíssimos diante do cético pessimismo que domina essa guerra. Não se deixar dominar por esse pessimismo que apregoa a derrocada da poesia é, também, a missão de quem ultrapassa as infinitas batalhas. Infinitas, portanto, eternas.

A poesia é um campo de flores, por onde o poeta caminha com olhos estalados na beleza que o cerca. A fragilidade dessa beleza mede-se no inequívoco, transfigurado ou maculado em genialidade que, quase sempre, beira o charlatanismo e a mentira deslavada. Surgem os “mestres” da métrica salvacionista ou reducionista (neste caso, reduz-se a capacidade poética a um palavrear sem nexos, a pretensa genialidade está oculta na ignorância de quem a almeja; o hermetismo, nem sempre, é verdade, é apenas subterfúgio para os fracos e títeres de uma arte muito maior que eles mesmos), com suas novidades cósmicas, rodeadas de um imenso vazio. A poesia passa-nos a impressão da facilidade, e por isso muitos mergulham, imaginando-se em suas profundezas, mas apenas debatem-se na superfície, com os olhos turvos

vislumbram somente o pouco que lhes é permitido alcançar, apenas sonhando com os mistérios que esse mar esconde em sua imensidão. Eis aí a proliferação de versos sob a égide da democracia cultural. Podem estar aí, mas nem por isso seremos complacentes com a mediocridade. A diferença entre o artesão e o artista está na sutileza dos olhos.

Ao poeta (o verdadeiro) cabe uma viagem em busca de si mesmo. Nada mais natural, quando se fala de uma arte, pois esta deve sempre estar voltada para o homem, mesmo quando extemporânea. Toda arte é o homem. Renato Rezende, artista em vários *fronts*: poeta, pintor e tradutor (esta também é uma arte; alguém duvida?) sabe o quanto são importantes (ou na medida da sua vulnerabilidade) o homem e o mundo que o cerca em *Passeio* (Record, 107 págs.), que reúne poemas escritos entre 1997 e 1998. O campo minado é a cidade do Rio de Janeiro, apenas um símbolo para dar universalidade a uma poesia que coloca o homem e suas inquietações como o centro de uma poética para o presente, sem esquecer que o futuro é logo ali; na esquina, talvez: “A cidade eterna e efêmera/ navega em si mesma/ (comigo em seu seio) (p. 62) do poema “Mercado de frutas”.

A cidade carrega o poeta, que se aninha em seus braços para disseminar todo um mundo que faz dele, o poeta, um personagem de um mundo em busca de respostas. Estas jamais concretas, mas carregadas de significados que ajudam a aumentar a necessária angústia para a evolução. Rezende busca a compreensão, as respostas para o mundo que o envolve e o embala. Para isso, usa a cidade como um porto que sustentará uma descarga tão grande de interrogações e afirmações desprovidas da arrogância verborrágica de muitos. O poeta destaca-se no turbilhão poético, que tenta nos engolfar, pela simplicidade empregada em seus versos que, todos, como alerta Ferreira Gullar, “brotam do chão como água; e o que dizem é aparentemente simples,

mas não ingênuo. É uma poesia que nasce da reflexão sobre o viver natural”. Aqui reside a grande poética de Rezende: a sua simplicidade sem estar mascarada é de uma pujança arrebatadora. Os versos fluem como os passos apressados do office-boy pelo calçadão de Copacabana, mas sem esquecer de dar uma espiada na beleza do mar que o convida a um mergulho, pois “tenho o coração aceso” (p. 68), do poema “No lixo”.

É com o coração em chamas que Renato Rezende dobra esquinas com dúvidas a latejar nas mãos. Ele repassa dúvidas e certezas ao leitor com a voracidade de quem tem pressa e tempo em quantidades exatas para a vida. A poesia de *Passeio*, portanto, é segura e capaz de causar a agradável sensação de inquietude, tão necessária a qualquer arte. A vida, como não poderia ser diferente, é o cerne que sustenta os versos: “Um dia estaremos mortos,/ mas por enquanto/ estamos aqui/ estamos aqui, presentes/ e o mundo é ainda nosso” (p. 64), de “O sono”. A preocupação com o mundo que cerca o homem é constante e, por isso, o poeta precisa mergulhar cada vez mais fundo: “Me misturo ao mundo absurdo,/ como do mundo, e me pergunto/ onde mais encontrar comida/ que sustente espírito e músculo” (p. 85) de “O bicho”.

É certo que a poesia de Rezende está encharcada de um pessimismo inevitável (olhemos ao redor e nos alegremos; impossível). Mas tal pessimismo não é o lamento choroso que invade o poeta medíocre. O pessimismo em Rezende é mais uma alternativa na busca de respostas. Não está atrelado ao enfado criado à lamúria fácil que grassa por aí, porque o poeta carrega “dentro de mim, esquecido,/ o filho dos meus pais,/o que um dia foi amado,/ o que foi querido” (p. 93) de “Para uma cruz na estrada”. É nesse passeio pela cidade – aqui o Rio de Janeiro – que Rezende encontra-se consigo mesmo e com sua realidade cheio de dúvidas. Neste encontro busca a

poesia e a encontra na esquina, sem esquecer que na próxima quadra há um campo minado ou de flores à sua espera.